

HELENA HILMES

e a tia que não era tia



RENAN BARRETO

HELENA HILMES

e a tia que não era tia

Renan Barreto

HELENA HILMES

e a tia que não era tia

*“Você tem inimigos? Bom. Significa que você lutou
por algo alguma vez na vida.”*

Winston Churchill

Capítulo I

Era uma manhã estranha no sítio do pai de Helena. O céu estava cinza mas não parecia que ia chover. Os pássaros não estavam cantando como era de costume. Na verdade, tudo estava quieto demais.

Helena estava preparando o café de seu pai como sempre fazia. Como só moravam os dois na casa, ela cuidava dos afazeres domésticos e seu pai cuidava das vacas, que eram a fonte do sustento da família. Ela gostava de cozinhar, estava cortando cenouras para adiantar o almoço, quando ouviu seu pai gritar do meio do pasto:

– Santo Deus!

Seu pai não era de se surpreender com muita coisa, então ela largou as cenouras e foi correndo ver o que havia acontecido. Ao chegar no campo se deparou com seu pai sentado no chão de olhos fechados, com a cabeça abaixada e coçando a nuca desolado. A frente dele estavam as suas vacas, que deviam ser cerca de umas treze, todas mortas.

Elas estavam largadas, espalhadas pela grama com os olhos abertos. Helena se aproximou para vê-las melhor. Tinham manchas azuis pelo corpo e seus olhos estavam cinzas. Ela nunca havia visto uma vaca com manchas azuis ou olhos cinzas.



– O que aconteceu com elas, pai?

– Eu não faço ideia. Ontem elas estavam bem. Eu não estou entendendo – respondeu o Sr. Hilmes.

– Essas manchas são estranhas. Será que elas não estavam doentes? – perguntou Helena inocentemente.

– E desde quando existe uma doença que deixa as vacas azuis? Eu nunca vi isso, nem ouvi falar, em toda minha vida. E olha que eu já ouvi falar muita coisa estranha. Mas parece que pra tudo tem uma primeira vez.

Eles permaneceram em silêncio por alguns segundos. Helena olhou para seu pai, que parecia uma pedra imóvel no meio do pasto.

– O que você vai fazer agora, pai?

Helena sabia que sem as vacas leiteiras seu pai não teria de onde tirar dinheiro. Quando uma vaca ou outra morria doente ou era atacada por lobos, seu pai já ficava em estado de nervos, preocupado e reclamando

do seu infortúnio. Ela imaginava, agora que todas se foram, quão grave era a situação.

– Eu não sei – respondeu ele erguendo sua cabeça e olhando para o céu, talvez esperando que uma resposta viesse de lá – mas não se preocupe, vai ficar tudo bem, eu vou dar um jeito.

O homem se levantou e tirou a poeira das roupas, que habitualmente já eram sujas e esfarrapadas, deu um abraço na filha e a mandou voltar para casa, para terminar seus afazeres.

Durante o dia, sem suas vacas, o Sr. Hilmes não sabia ao certo o que fazer. Ele ficava andando de um lado para o outro, olhava para o chão e suspirava. Foi várias vezes ao campo ver os cadáveres das vacas, depois voltava para a casa, andava até o pequeno riacho, e voltava. Depois do almoço, ele pegou sua carroça e foi até a cidade enviar uma carta.

Pelos próximos três dias o Senhor Hilmes ficou agitado e inquieto, como um boi prestes a ser abatido. Ele estava esperando a resposta da carta. Até que no terceiro dia ele voltou da cidade ao anoitecer. Helena já havia preparado o jantar e o estava esperando enquanto tentava costurar os buracos nas calças dele. Ela não sabia costurar de verdade, não conseguia fazer uma peça de roupa nem nada mais complicado, só fechar buracos de roupas com uma linha e agulha, era tudo o que seu pai pôde lhe ensinar.

Quando o Sr. Hilmes voltou e abriu a porta tinha um rosto abatido, ainda mais do que quando estava diante de suas vacas mortas. Tinha os olhos fixados no chão, e os ombros arqueados para frente, como se tivesse um grande peso sobre eles. Ele trouxe consigo uma sacola cheia com algumas garrafas.

– Oi, pai. O senhor demorou. O jantar já está pronto. Está com fome? – disse a menina vendo o estado do pai e tentando, de alguma forma, animá-lo.

– Não, querida. Não estou com muita fome – respondeu o pai indo até a cozinha.

Helena achou estranho o pai chamá-la de querida. Ele não a chamava assim desde que sua mãe havia falecido, quando ela tinha quatro anos.

Eles se sentaram à mesa onde Helena já havia deixado o jantar posto, com talheres pratos e copos, cuidadosamente alinhados. Ela se serviu de polenta e batatas, que era o prato principal naquele dia, mas o Sr. Hilmes tirou o prato que estava em sua frente e o deixou de lado, pegou uma das garrafas da sacola e colocou sobre a mesa. Era uma garrafa de Whiskey barato.

Nesse momento, Helena já não estava mais preocupada, estava com medo. Seu pai não bebia já há alguns anos. Ele tivera um sério problema com o álcool depois da morte de sua esposa. Em outras palavras, ele era um alcoólatra. Essa época foi muito difícil para Helena. Privada da presença e cuidados da mãe, ainda foi neg-

ligenciada pelo pai, que sob o efeito do álcool, parecia que não se lembrava que tinha uma filha, que com apenas quatro anos, teve que aprender a se virar sozinha.

Mas com o passar dos anos ele começou a se dar conta que estava perdendo o maior presente que sua esposa havia lhe deixado, e com muito esforço, decidiu não colocar mais uma gota de álcool na boca, até aquele dia.

– Eu arrumei um trabalho numa mina de carvão – contou o Sr. Hilmes à Helena.

Helena não conseguiu processar a informação imediatamente.

– Como assim? – perguntou ela.

– Não tenho mais como manter esse sítio. As vacas eram nossa única fonte de renda. Não temos dinheiro para comprar outras. – respondeu o pai de Helena e virou de uma vez um copo de Whiskey na boca.

– Não tem como fazer um empréstimo?

Ele parou um instante e ficou olhando para sua filha. Era como se fosse a primeira vez que a via em muito tempo. Ele percebeu como ela havia crescido.

– Eu já tenho muitas dívidas, uma sobre a outra, dos anos passados. Ninguém vai me emprestar um centavo – respondeu ele e tomou outro gole. Ele já começava a falar as palavras enroladas – Vou vender o sítio e ir trabalhar nessa mina em Relesburgo, pra lá das montanhas. Esse é o único jeito de não passarmos fome.

Helena não falou nada por alguns segundos, estava tentando assimilar a informação que seu pai acabara de dar. Tudo estava acontecendo muito rápido. Ela sentia aquela cozinha fria. Sua comida estava fria. Ela não se dera conta de que a situação era tão grave até então. Ela sentia que perdia seu lar. Ela havia nascido naquela casa e vivido seus quatro curtos anos com sua mãe nela. Ela já quase não se lembrava de sua mãe. A casa era a lembrança que restava dela. Era uma tragédia.

– Sim, senhor – respondeu Helena em voz baixa. Não havia outra coisa a responder – Quando nós partimos?

– Nós não partiremos, querida. Eu vou sozinho.

Helena franziu a testa. Seu pai continuou:

– Relesburgo não é lugar para uma mocinha, eu vou ficar num lugar muito pequeno com os outros trabalhadores. Mas não se preocupe. Você vai ficar bem com sua tia Matilda, em Teranulius. Ela está muito bem de dinheiro e aceitou cuidar de você por enquanto.

– Eu tenho uma tia? O senhor nunca falou dela antes – perguntou a filha com a voz embargada. Ela estava tentando conter a vontade de chorar.

– Ela não é sua tia de verdade, é modo de falar, querida. Matilda é prima da sua mãe. Sua finada mãe era de uma família importante, ricos. Ela não teve muito contato com eles depois que se casou. Eles não queriam que ela se casasse comigo, sabe. Mas agora não

temos outra escolha – finalizou o Sr. Hilmes com um suspiro.

Antes que seu pai terminasse sua última frase as lágrimas já escorriam pelo rosto pálido de Helena. Seu pai colocou mais Whiskey no copo.

– Com licença. Disse ela se levantando da mesa. – seu prato ainda estava longe de ser finalizado.

– Toda – respondeu seu pai.

Ela foi até a frente da pequena casa, onde havia duas cadeiras velhas de descanso e se sentou olhando o céu cheio de estrelas. Helena não gostava de chorar na frente de seu pai. Não queria fazê-lo se sentir pior do que já estava, entretanto, ele não conseguiu ignorar o sofrimento da filha e foi atrás dela, com o copo na mão. Ele parou na porta, ficou em silêncio por alguns minutos e disse:

– Noite estranha essa.

– Porquê? – perguntou a menina.

– Nessa época do ano as corujas estão por toda parte caçando insetos e ratos no bosque. Tanto elas quanto os insetos fazem uma barulheira danada à noite, mas hoje não. Está um silêncio de abismo.

– É mesmo. Não tinha reparado. Normalmente dá pra ouvir muitos animais – observou Helena.

– Meu pai me contava uma história de uma noite como essa – o Sr. Hilmes se sentou na outra cadeira, ao lado da filha, deu um gole na bebida e continuou

– Ele era lenhador, pegava sua carroça, ia até uma floresta cortava lenha e a levava embora para vender na cidade. Até aí, tudo bem. Numa noite, igual a essa, ele estava acampando no meio da floresta, atento a todo barulho para saber se nenhum urso se aproximava. Os ursos gostavam do cheiro da carne cozida que ele fazia em sua panela improvisada de lata. Mas não havia barulho nenhum. Nenhuma coruja, nenhum grilo, nenhum sapo, nada. Ele achou estranho mas não deu muita bola, era melhor para saber se não vinha nenhum urso. Ele continuou mexendo na panela de carne cuidando para não queimar, até que ouviu alguma coisa.

– O que ele ouviu? – perguntou a menina. As lágrimas já haviam secado de seu rosto.

– Ele ouviu algo como se alguém estivesse mandando ele ficar quieto, fazendo “shhhhhh” com a boca, mas não havia mais ninguém nos arredores. Meu pai pensou que poderia ser o vento fazendo um som diferente passando por alguma coisa e não se importou muito. O barulho foi ficando mais alto: “shhhhhhhhh”. Ele largou sua comida e se levantou. Tinha alguma coisa esquisita ali. Com cuidado ele pegou sua espingarda que estava encostada numa pedra, a carregou, e deu uma volta sobre si mesmo apontando a arma para o mato fazendo uma varredura. O barulho estranho tinha parado, mas numa parte mais escura da floresta, entre umas folhas grandes, ele viu duas pequenas bolas vermelhas e

brilhantes. “Não é um urso, mas deve ser algum animal querendo meu jantar” ele pensou. Mais bolas brilhantes apareceram, como se fossem olhos se abrindo. Ele atirou. Seja lá o que fosse era melhor matar por precaução. Depois do tiro as bolas sumiram. Meu pai foi com cuidado até o lugar onde elas estavam, e não havia nada, nenhum rastro de que alguma coisa esteve ali.

– Essa história é verdadeira? – perguntou Helena querendo acreditar.

– Só Deus sabe. Mas meu pai não era de mentir, nem de gostar de historinhas. – respondeu o Sr. Hilmes com o copo vazio na mão – Tem muita coisa nesse mundo que a gente não sabe.

A história conseguiu distrair Helena um pouco da tragédia que acabava de ser anunciada mais cedo, porém, aquela noite ela não conseguiu dormir bem. Ela nunca havia se separado de seu pai. A maior parte da vida os dois viveram juntos naquela casa afastada da cidade. Ele ficaria bem? Sozinho, trabalhando em uma mina escura e suja? Ela sabia que o trabalho em minas era perigoso. E quanto a ela? Ela ficaria bem? Como seria essa tia Matilda? Helena não a conhecia, nem havia jamais ouvido falar dela. Uma tia distante da qual seu pai nunca falou, prima de sua mãe, como seria?

Capítulo II

As malas estavam prontas. Na verdade, só havia uma. Helena não tinha muitas coisas. Somente quatro vestidos, um par de botas, um par de sapatos, alguns laços que ela gostava de usar aos domingos, e vários retalhos, linhas e agulhas, que eram seu tesouro. Mesmo não sabendo costurar grandes coisas, era isso que ela mais gostava de fazer.

Seu pai conseguiu, com um amigo seu, uma carona para ela ir até Teranulius, na casa da tia. Era um lugar mais ou menos longe, a umas quatro horas a cavalo do sítio do Sr. Hilmes e cerca de sete horas de distância de Relesburgo, onde seu pai ia trabalhar.

Seu pai estava conversando com seu amigo ao lado da carroça, quando Helena chegou com sua mala, quase arrastando-a pelo chão. Choveu durante a noite, então o chão estava lamacento. O tempo ainda não estava bom, havia nuvens escuras que ameaçavam chover. O tal amigo pegou sua mala e a amarrou firme na parte de trás da carroça. Finalmente havia chegado o dia da separação. Até então, a menina permanecia forte, semblante sereno, quase como se fosse uma ocasião ordinária. Já o pai, demonstrava em seu rosto uma mistura de tristeza e preocupação. As sobrancelhas grossas, caídas, faziam um leve franzido no meio de sua testa.

A carroça estava pronta para partir. O Sr. Hilmes deu um abraço em sua filha, forte e demorado, como nunca dera antes. As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Helena.

– Eu posso ir pra Ralesburgo com o senhor... Eu não ocupo muito espaço, vamos ficar bem – disse a menina, tentando convencer seu pai uma última vez.

Ele não respondeu, só fechou os olhos e a abraçou mais forte ainda.

– Precisamos ir, senão não vamos conseguir chegar antes que anoiteça – advertiu o cocheiro da carroça.

Pai e filha se separaram. Ela subiu com certa dificuldade na carroça velha, ela não era uma menina muito alta, e seu corpo parecia pesar como se a gravidade também não quisesse que ela partisse. Então seu pai se lembrou de dar um presente de despedida à filha. Ele enfiou a mão no bolso da camisa branca e puxou um crucifixo de madeira. Era uma peça bonita, de uns quatro centímetros, entalhada com desenhos de flores e espinhos, e sua madeira exalava um cheiro suave de rosas.

– Isso é para você – disse o Sr. Hilmes estendendo o crucifixo para Helena.

Ela o pegou com as duas mãos, cuidando para não deixá-lo cair, e o examinou. Não se lembrava de já ter visto algo tão bonito.

– Ele era da sua mãe. Ela era uma mulher muito simples, sabe. Isso é o que ela tinha de maior valor.

Acho que tem que ficar com você. Você vai cuidar melhor dele.

– Obrigada, pai! – respondeu Helena abrindo um sorriso radiante no meio das lágrimas.

Seu coração pareceu se aquecer naquele dia frio, e com a expressão de alegria em seu rosto, o fardo que o Sr. Hilmes carregava nos ombros pareceu menos pesado.

Com os olhos vidrados no presente recebido a menina nem percebeu que a carroça havia partido. Assim ela ficou por boa parte do caminho. Eles passaram por vários vilarejos durante a viagem. Para ela era tudo novo. A única vila que conhecia era a sua, onde o sítio de seu pai ficava. Com o tempo, Helena percebeu que quanto mais longe iam, mais estranhos os habitantes locais pareciam. As pessoas aparentavam ser tristes. Talvez fosse o mau tempo que mudava sua forma de ver as coisas, talvez fosse o fato de que ela preferia sua terra natal a qualquer outra.

Após algumas horas, o cocheiro falou pela primeira vez na viagem. Ele era um homem gordo, com um grande bigode e já meio careca. Parecia ser bem simpático. Ele devia não ter tentado conversar com Helena para não aborrecê-la num momento tão difícil.

– Estamos chegando em Teranulius. Logo estaremos na casa de sua tia. Tudo bem aí?

– Sim, senhor – respondeu ela.

Mais a frente se podia ver grandes pinheiros balançando com os fortes ventos. Parecia que uma tempestade estava para chegar. A medida que se aproximavam da residência da tia Matilda mais densa era a floresta e mais altas as árvores.

A carroça chegou a uma estrada que levava a uma grande colina no meio das árvores. No topo da colina, havia um grande casarão. Diferente de outras casas que Helena já havia visto, até mesmo de pessoas ricas, aquela não era feita de madeira, mas de grandes blocos de pedra cinza. Era uma casa imponente. Parecia ter muitos quartos, talvez uns 15. Seu telhado era grande e angular, como um chapéu de gnomo, com várias chaminés compridas em diferentes partes. Tinha grandes janelas que pareciam vitrais de igreja, mas sem as cores bonitas, adornos entalhados na pedra ao redor dos cantos das paredes, portas e janelas.

– Finalmente, chegamos. Viajar cansa, não é mesmo? – disse o cocheiro.

– Aqui é Teranulius? – perguntou Helena.

– Sim, mas a cidade fica ainda um pouco a frente. A casa da sua tia é essa aqui. Pelo menos segundo as orientações que seu pai me deu.

À primeira vista, Helena não gostou muita da casa da tia Matilda. Não que ela não fosse bonita, mas tinha algo de sombria nela, e o céu cinza escuro e o frio não ajudavam muito.



A carroça parou em frente a porta. O cocheiro não esperou que Helena fosse atendida pela tia, com medo de se molhar em uma possível tempestade. Ele a ajudou a descer, lhe deu suma mala e foi embora com pressa. Ela ficou em frente a casa, a olhando por alguns instantes, tomando coragem para bater à porta. Era uma porta bem grande, de madeira com adornos de ferro e uma grande alça no meio para bater. A alça era em forma de cobra. Helena bateu na porta com dificuldade porque a alça era pesada. Ela esperou alguns minutos e nada aconteceu. Bateu mais algumas vezes e nada. Talvez a tia tivesse saído.

Ao lado da porta havia duas grandes janelas muito

altas que quase chegavam ao teto. Elas tinham o vidro amarelado e várias subdivisões, como se fossem feitas de diversos cacos. Helena foi até uma delas. Na ponta dos pés ela quase conseguia ver o interior da casa. Só faltava um pouco. Ela se esticou ainda mais, ficando praticamente só na ponta de seus dois dedões, quando uma voz áspera e grave de homem surgiu atrás dela.

– É você?

O coração de Helena acelerou e parecia querer sair pela boca, enquanto um frio brotava dentro de sua barriga. Ela se virou. A voz era de um homem, parecia ter cerca de 50 anos, barba grisalha por fazer. Ele estava segurando uma enxada sobre o ombro direito, e havia um rato sentado sobre seu ombro esquerdo, como se fosse um papagaio, também tinha uma boina verde surrada sobre cabeça, vestia uma camisa vermelha xadrez, calças da mesma cor que a boina e igualmente desgastadas, um casaco grosso bege meio escuro e botas pretas muito sujas de lama.

– Sim, eu sou eu – respondeu Helena sem pensar, ainda assustada.

O homem soltou um som gutural incompreensível: “Ahhhhrr”.

– Perguntei se você é a menina que a Senhora Staucher está esperando – disse o homem, claramente irritado.

– Sim, eu sou Helena. Eu bati na porta mas nin-

guém atendeu.

– Você deve ter batido fraco – replicou o homem.

– Mas o senhor ouviu.

O homem franziu a testa e puxou os cantos da boca mostrando alguns dentes.

– Eu não ouvi, eu estava passando e vi que tinha alguém espiando pela janela.

Ele caminhou até a grande porta enfiando a mão debaixo do casaco e tirou um molho de chaves de ferro, com muitas chaves, pretas e compridas. Ele enfiou uma delas na porta e girou. A porta fez um som alto: “TAC”. Ele empurrou um dos lados dela abrindo-a. Helena não conseguia ver muito bem o interior, estava escuro demais.

– Pode entrar – disse o homem – Ela está na cozinha, não vai se importar de você ir até ela. Passe por esta sala, entre na porta à direita, siga pelo corredor e entre na terceira porta à esquerda, lá é a cozinha.

A menina hesitante entrou pela porta, que imediatamente se fechou atrás de suas costas, depois, ouviu o alto “TAC” de novo da porta se trancando. O interior estava escuro, mas de dentro era possível ver melhor. Ela estava em uma grande sala, um saguão de entrada coberto por um belo tapete vermelho. O saguão estava quase vazio, apenas com algumas estátuas de madeira no chão, encostadas nas paredes laterais. As paredes, quase completamente cobertas por grandes tapeçarias,

se elevavam até bem alto ao topo da casa de três andares. No teto, acima da escada que ficava centralizada na sala, Helena viu uma cúpula de vidro do mesmo tipo das janelas, mas não muito grande. Onde poderia haver algum espaço sobrando nas paredes, se podia ver vários quadros de diferentes tamanhos, retratos de pessoas e animais. Helena achou estranho ter retratos de animais, Matilda devia gostar muito deles. À direita e à esquerda não havia portas, mas arcos maiores do que uma porta, um de cada lado. A menina passou pelo da direita, como havia mandado o homem da enxada.

Ela seguiu pelo corredor, que estava iluminado por algumas velas em belos candelabros de cobre. O corredor era bem longo. Ao chegar na terceira porta da esquerda sentiu um cheiro diferente. Era cheiro de bolo assando. Por debaixo da porta brilhava uma luz que sinalizava que a cozinha estava bem iluminada.

Helena, como era educada, bateu na porta em vez de abri-la, e uma voz lá dentro respondeu.

– Helena? Pode entrar, querida – disse uma voz suave.

Ela abriu a porta e entrou na grande cozinha. Sentada à mesa estava uma mulher. Não era exatamente jovem, mas muito bonita. Parecia ter uns quarenta anos, mais pela sua postura e figura elegantes do que pelos traços em seu rosto, que eram leves e quase joviais. Ela estava com um vestido preto, longo, de mangas com-

pridas com babados brancos nos pulsos e no colarinho, alguns grandes botões na parte da frente do peito e um camafeu bonito no pescoço. Seus cabelos eram de um castanho claro, como os de Helena, e estavam presos perfeitamente alinhados em um coque. A mulher estava bordando. Havia algumas linhas, agulhas e uma tesoura sobre a mesa.

– Olá, minha querida. Que bom te conhecer. Disse a senhora se levantando com um sorriso.

Ela foi até Helena, que estava parada ao lado da porta, e lhe deu um abraço. Um abraço apertado. A menina correspondeu mas não com tanto entusiasmo.

– Oh, me desculpe, meu bem. Eu não me apresentei. Eu sou Matilda Staucher, prima de sua mãe. Pode me chamar de tia Matilda.

– Muito prazer, tia Matilda – disse Helena sorrindo.

– Mas que menina educada você é... e bonita. Parece muito com sua mãe. Você tem os olhos dela – disse tia Matilda passando sua mão branca e suave sobre o rosto corado de Helena.

Ela gostou de sentir o calor da mão da tia em sua bochecha depois de sofrer com os ventos gelados no rosto durante a viagem.

– Obrigada – respondeu a menina.

– Você deve estar cansada da viagem e com frio. Eu vou te mostrar um pouco da casa e onde fica o seu

quarto. Lá você pode tomar um banho, se trocar e descansar um pouco. Daqui a pouco vou servir o jantar.

A tia Matilda parecia ser bem simpática. Ela lhe mostrou o resto da casa, que era bonita e imponente como o que Helena havia visto até então. No segundo andar, havia um grande laboratório, que é onde a Senhora Staucher trabalhava. Nele havia dois grandes tanques, de uns seis metros, com um líquido verde dentro, uma grande mesa cheia de papéis bagunçados em cima, e vários instrumentos como serras, agulhas e potes de vidro em prateleiras. Tia Matilda alertou Helena para que nunca fosse lá sozinha, pois era perigoso. Depois, ela a levou ao seu quarto.

Quando Helena desceu para o jantar encontrou uma mesa farta e suntuosa. Os talheres eram brilhantes, pareciam de prata. Havia um pato assado, diversos molhos, pão, ervilhas, purê de batatas, tomates e queijos. O mais perto de uma mesa dessa que a menina havia tido em casa era nos natais, quando ela mesma cozinhava algo mais especial, mas nunca algo como o que estava ali.

– Venha e sente-se, meu bem. Eu estava te esperando. Disse tia Matilda apontando a cadeira à sua frente, do outro lado da grande mesa.

– Obrigada. Tudo parece ótimo.

– Fico lisonjeada, meu bem. Eu fiz especialmente como boas vindas para você. Sirva-se. Conseguiu des-

cansar bem?

– Sim, o quarto é maravilhoso. Muito confortável

– respondeu Helena pegando um pedaço do pato.

Tia Matilda parou uns instantes olhando o vestido de Helena.

– Seu pobre vestido parece meio castigado, não é?

O rosto da tia era como de um pedestre com pena de um mendigo.

– Desculpe, mas não é por descaso, eu coloquei o melhor que eu tenho – respondeu Helena envergonhada.

– Não, não, meu bem. Não se sinta mal. Vamos arranjar mais alguns para você. Aliás, estava pensando nas atividades de amanhã. Posso te ensinar a costurar, o que acha?

Os olhos de Helena brilharam. Ela até deixou cair um pedaço do pato no chão com o súbito entusiasmo.

– Eu adoraria, tia Matilda! – exclamou a menina diante da possibilidade de realizar um sonho.

– Que bom! – disse a senhora juntando as mãos e abrindo um grande sorriso – Depois pensei que seria bom se você ajudasse no jardim. O Senhor Claus com certeza vai apreciar uma mãozinha.

– Senhor Claus? É o senhor que abriu a porta para mim? O que tem um rato?

– Ah, ele não se apresentou para você? Ele não é muito habilidoso com as pessoas. Não é à toa que o

melhor amigo dele é aquele rato. Eu sei que é estranho, mas eu sou contra julgar as pessoas. Acho que devemos respeitar como cada um é. Ele é o meu jardineiro. Na verdade, ele cuida de tudo, conserta o telhado e coisas desse tipo. Eu preciso de ajuda aqui em casa, senão não poderia me dedicar tanto ao meu trabalho.

– Com o que a senhora trabalha, tia Matilda? – perguntou Helena, já quase finalizando seu prato.

– Eu acho que pode-se dizer que eu sou um tipo de médica. Mas não exatamente. Respondeu a senhora com um leve sorriso.

– Como assim? – perguntou a menina.

– Deixe isso pra lá. É um pouco complicado. Vejo que você está comendo bem. Termine logo para podermos comer o bolo de morangos que eu fiz.

Helena quase não conseguia acreditar como sua tia era boa. Ela estava gostando de estar lá. Aquela noite, em seu quarto, antes de dormir, ficou pensando em seu pai por alguns minutos. Se ele estaria bem sem ela, se estaria com saudades. Ela estava com saudades dele, mas rapidamente se lembrou de como gostou da tia Matilda e como parecia que sua estadia com ela seria divertida, e acabou adormecendo.

Capítulo III

No dia seguinte, tudo continuou maravilhosamente bem para Helena. Tia Matilda a ensinou o básico de costura, e até lhe deu vários pedaços bonitos de tecido para que ela fosse treinando. Eram de diversos tipos e cores, um mais bonito que o outro.

A tia não havia se esquecido do vestido de Helena e tirou suas medidas para ela mesma costurar algo novo para a pobre menina. “Sessenta e quatro de cintura. Perfeito”.

No jardim, as coisas se tornaram um pouco mais complicadas. Helena estava acostumada com plantas, ela já havia conseguido plantar com sucesso alguns temperos no sítio de seu pai, mas o Senhor Claus era um homem muito exigente, e não tinha muita paciência. Ela conseguiu ajudá-lo a podar os pequenos arbustos dos jardins laterais com algum sucesso, apesar dele estar convencido de que ela matou um deles. Depois, sua tarefa era na pequena horta dos fundos, ajudando a colher o que estivesse no ponto.

– Cuidado! Você vai estragar! – gritava o Senhor Claus.

Ele estava de pé ao lado de Helena supervisionando, com os punhos fechados na cintura, e o rato dentro do bolso de seu casaco, observando tudo, enquanto

ela estava agachada puxando um feixe de grossas folhas roxas azuladas com as duas mãos.

– Quer que o Bartolomeu te ajude? Ha ha! – perguntou o jardineiro.

– Quem é Bartolomeu? – perguntou a menina com os olhos fechados fazendo força para arrancar a planta do chão.

– Ele – respondeu Senhor Claus apontando para o rato em seu bolso – Ele me ajuda aqui no jardim. Ele é bom em cavar buracos.

A planta não queria ceder. Helena fez ainda mais força, chegando a ficar vermelha, até que de uma vez só a criatura pulou do chão, deixando a menina cair para trás sujando seu vestido todo de terra.

A raiz da planta era de um jeito que a menina nunca havia visto antes. Era azul e redonda e na superfície parecia que havia pelos. Mas isso não era o mais estranho, o mais bizarro era que ela parecia pulsar, como se fosse um coração.

– O que é isso? Perguntou Helena com os olhos vidrados na planta, segurando-a pelas folhas.

– E eu lá vou saber... – respondeu o homem dando com os ombros.

– Como assim? Não foi o senhor que plantou? – insistiu a menina curiosa.

– Sim.

– Então o senhor plantou sem saber o que era?

O jardineiro estava visivelmente incomodado com as perguntas da menina.

– É coisa da Senhora Staucher. Ela cria coisas. – respondeu o homem coçando a barba.

– Nossa, ela é tipo uma cientista então? – perguntou Helena.

– Não sei, e não quero saber. Eu só cuido da minha vida e faço meu trabalho.

Helena achou estranho o Senhor Claus ser tão apático, mas julgou que seria da personalidade dele. Eles terminaram o serviço e foram guardar as ferramentas na casa de jardinagem. Era uma pequena sala, precariamente construída como tábuas velhas de madeira. Era ali também que o Senhor Claus descansava durante o dia. Em um canto da sala, havia uma mesa improvisada feita de um tronco de árvore cortado ao meio, e uma cadeira. Sobre a mesa alguns livros velhos estavam jogados. Um deles servia de apoio para uma caneca de metal e uma garrafa de licor. Ao lado da caneca havia um bonito porta-retratos com a foto de uma menina que aparentava ter uns 8 anos.

– Quem é essa? É sua filha? – perguntou Helena querendo pegar a foto nas mãos para vê-la melhor, mas sem coragem de fazê-lo.

O jardineiro estava de costas para ela, arrumando as ferramentas em um canto da sala. Ele parou um momento e ficou imóvel. Depois, virou somente a cabeça

e olhou para Helena. Ela o olhou de volta, com a face séria e seus grandes olhos inocentes.

– Sim. – respondeu o homem indo até a mesa.

Ele pegou o porta-retratos nas mãos e fixou os olhos nele por um longo tempo, como se não o tivesse feito há muito tempo. Helena queria perguntar sobre sua filha. Por que não estava com ela? Mas entendeu que seja lá qual fosse a história dele e da menina, era doloroso para ele, então decidiu sabiamente ficar calada.

Naquela tarde, quando teve um tempo livre, a menina quis fazer algo para o Senhor Claus. Ela decidiu costurar uma roupinha para Bartolomeu e achou que com a aula que havia tido da tia Matilda já seria capaz.

Ela pegou um belo pedaço de tecido amarelo que ganhou da tia e com todo cuidado costurou um casaquinho bem pequeno, mas que devia servir em um rato. Não estava perfeito, era a primeira peça de roupa que Helena fez na vida, e ainda era em miniatura.

Assim que ela terminou a roupinha, desceu correndo até o jardim para mostrá-la ao Senhor Claus. Ele estava atravessando o jardim com um carrinho de mão cheio do que parecia ser fezes de animais. Pelo menos, para Helena, cheirava a fezes de animais.

Ela o interrompeu em sua tarefa com o casaquinho na mão.

– Olha, Senhor Claus, o que eu fiz para o Bar-

tolomeu – disse Helena estendendo a roupinha para ele.

O jardineiro ficou parado olhando o casaquinho amarelo por alguns segundos, o pegou, e esboçou um leve sorriso.

– Obrigado – disse ele vestindo o ratinho.

– O senhor gostou? Eu estou aprendendo a costurar e já consigo fazer coisas simples. Não é grande coisa mas acho que vai ficar bem nele.



– Sim, ficou ótimo. Se ele soubesse falar diria a mesma coisa, pode acreditar. Agora ele não vai mais passar frio – respondeu o homem tentando parecer simpático.

Helena ficou surpresa por ver o Senhor Claus sen-

do gentil pela primeira vez. No fundo ela achou que ele nem mesmo aceitaria, ou não daria importância para o presente, mas, aparentemente, até o rato gostou da novidade. Ele ficou pulando de um ombro para o outro do jardineiro exibindo a nova roupinha.

Entretanto, de um instante para outro, o sorriso desapareceu do rosto do homem. Sua face se tornou triste e sombria. Ela fitou Helena seriamente a deixando com um leve sentimento de medo.

– Vá embora – ordenou o homem.

A menina ficou sem reação. Em um momento o Senhor Claus parecia contente e no outro a expulsava como se ela tivesse cometido algum erro.

– Eu fiz alguma coisa ruim? – perguntou Helena não querendo acreditar que ele falava sério.

– Você não entendeu. Vá embora desse lugar – respondeu o jardineiro enfiando a mão no bolso do casaco, virando a cabeça e olhando para as janelas da casa, como se estivesse procurando por alguma coisa.

Do bolso ele tirou um canivete velho, meio enferrujado. Ele o estendeu para Helena, ainda com um ar sombrio.

– Tome, considere como um pagamento pelo casaco do Bartolomeu. Dê o fora desse lugar.

Helena pegou o canivete mas continuou sem entender e continuou parada esperando que o homem desse mais alguma explicação, mas ele deu as costas

para ela e foi para a sala de jardinagem, deixando o carinho de mão para trás.

Capítulo IV

Helena não conseguia tirar da cabeça o ocorrido naquela tarde. “O que aconteceu? O que poderia ter deixado o Senhor Claus daquele jeito?” pensava ela em seu quarto segurando o canivete e olhando pela janela a densa floresta que cercava a casa. O tempo ainda estava nublado e frio, o que fazia Helena se sentir, além de confusa, um pouco triste.

Ela olhou para baixo, para o jardim lateral, e viu o jardineiro passando, carregando um grande saco marrom debaixo do braço. “Deve ser adubo”, ela pensou, tentando acalmar sua curiosidade. A menina já havia gasto um bom tempo refletindo em seu quarto e não tinha nenhuma atividade programada pela tia até o jantar. Ela era acostumada a sempre fazer algo, afinal, era praticamente ela que mantinha a casa de seu pai em ordem, mas na casa da tia não havia tanta coisa para fazer. Pela primeira vez na vida Helena soube o que era o tédio.

Tia Matilda havia saído mais cedo para ir à cidade fazer compras, mas mesmo se estivesse em casa, provavelmente não teria tempo para Helena. Ela já havia percebido que, a não ser para a aula de costura, a tia não tinha muito tempo livre por causa do seu trabalho.

A menina olhou de novo para o jardim e viu novamente o Senhor Claus carregando mais outro saco marrom, então teve uma ideia. Ela ia espioná-lo.

Ela desceu as grandes escadas correndo, o que normalmente não faria, pois é uma pequena moça educada, mas como não havia mais ninguém na casa ela se arriscou. Correu até a cozinha, que tinha várias pequenas janelas que davam vista para o jardim dos fundos, para onde o Senhor Claus havia ido.

Ele estava lá, atravessando o jardim com o saco debaixo do braço. Helena foi até a porta da cozinha que dava para o jardim e esperou que o jardineiro se adiantasse um pouco. Quando achou que não seria mais vista, a menina saiu e se esgueirou cercando a parede de pedras da casa, sempre mantendo sob a vista o homem, mas não tão de perto que ele conseguisse vê-la ou ouvi-la.

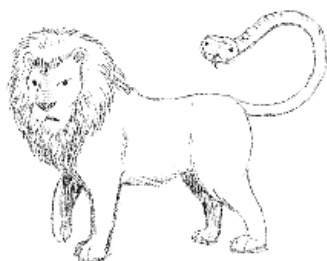
Em uma das paredes do fundo casa havia uma porta velha, que não era bonita e imponente como as outras, feita de algumas tábuas juntas. O Senhor Claus abriu a porta e entrou. Dentro só havia uma escada que levava para baixo. Helena pensou que devia ser algum tipo de porão. O homem desceu com o saco e deixou a porta aberta atrás de si.

Ela esperou um pouco e entrou pela porta também, seguindo-o. Dentro estava escuro mas havia algumas lanternas acesas que eram suficientes para per-

mitir se locomover naquele lugar apertado. Helena não desceu até o final da escada, que dava para uma grande sala, onde o jardineiro estava. Se ela descesse mais acabaria sendo percebida.

A grande sala do porão surpreendeu a menina. Tanto que ela quase soltou uma palavra de espanto, mas conseguiu se conter. Lá havia algumas jaulas de animais, mas não animais comuns da região, como porcos, vacas, ou cabras. Nas jaulas havia animais que pareciam ter sido misturados com outros, como ela nunca havia visto antes.

Eles eram quatro ao todo, cada um em uma jaula.



Um leão com cauda de serpente, um cachorro aparentemente normal, um porco com asas, e um cavalo meio

zebra. Havia duas jaulas de cada lado da sala e no meio, ao fundo, uma porta.

O Senhor Claus colocou o saco marrom no chão, enfiou sua mão nele e tirou alguns grandes pedaços de carne que ele jogou na jaula do leão. Alguma coisa começou a bater na porta do fundo da sala. Parecia o som de um animal desesperado para escapar. Ouviu-se então um grito.

– Eu quero sair! Socorro! Abra a porta.

Era uma voz de menino. O homem ignorou os pedidos de socorro. Nem sequer olhou para o lado. Fechou o saco e se virou em direção da saída. Helena estava ainda surpresa pelo que acabara de ver, mas quando o jardineiro se virou, ela voltou a si. Ela tentou subir a escada de volta o mais rápido que podia sem fazer nenhum barulho. O jardineiro estava logo atrás dela.

A menina conseguiu sair sem ser percebida. Pelo menos é o que ela pensou, porque ela não esperou para ver o Senhor Claus sair do porão. Helena foi direto para dentro da casa e subiu rapidamente para o seu quarto, querendo se afastar logo daquela situação. Ela se jogou em sua cama cansada, não tanto por ter subido as escadas correndo, mas pelo susto do que tinha acabado de ver, e ficou imóvel encarando o teto. O que era aquilo? Aqueles animais estranhos. Por que estavam lá? E o menino preso com eles?

Havia duas possibilidades, pensava Helena, podia

ser que aquilo tudo, os animais e o menino, só tinham a ver com o Senhor Claus. Ele era um homem estranho e misterioso, poderia ser tudo coisa dele, que ele mantém escondido da tia Matilda. Ou, a pior opção, ele estava fazendo aquilo a serviço dela, e ela mantém aqueles animais esquisitos e o menino presos no porão.

A menina preferiria acreditar na primeira versão, mas se lembrou do que aconteceu mais cedo. O jardineiro poderia estar tentando avisá-la mandando-a embora. Assim como o menino está preso, ela poderia estar em perigo.

Helena passou horas pensando sobre isso, até a hora do jantar, durante o qual ficou muda quase o tempo todo. A tia Matilda falava com ela mas ela não conseguia responder com mais do que uma palavra, afinal, ela estava desconfiada da tia. O jantar estava maravilhoso, e a tia, doce e simpática como sempre, o que fez a menina ficar mais propensa a não querer acreditar na segunda opção. Ela queria, desejava do fundo do coração, que tudo permanecesse bem entre elas, como estava até aquele momento.

Naquela noite, Helena não conseguiu dormir, ainda pensando sobre tudo aquilo. Ela tinha que descobrir a verdade, o que estava acontecendo. Por que tinha um menino preso no porão? O que aconteceria com ele? Ela decidiu que só tinha um jeito de descobrir. Indo até o menino, e perguntando.

Capítulo V

Era tarde da noite, todos estavam dormindo e todas as velas e lanternas apagadas, mas a lua cheia permitia ver consideravelmente bem. Helena saiu da cama, se vestiu, pegou uma lanterna que havia em seu quarto e saiu. Ela precisava ser rápida e sorrateira para não acordar ninguém.

A menina desceu as escadarias da casa nas pontas dos pés, com muito cuidado, e foi até o jardim da parte de trás da casa. Lá estava a porta que dava para o porão, mas estava trancada. O Jardineiro tinha todas as chaves da casa, e quando ela foi até a casa de ferramentas com ele, reparou que quando ele não estava com elas no bolso as deixava penduradas lá.

Para a sorte de Helena a casa de jardinagem estava com a porta destrancada. Ela a abriu devagar, não queria fazer nenhum barulho mesmo que estivesse longe. Melhor não arriscar. Para sua surpresa, as chaves não estavam no porta-chaves da parede, e pior ainda, o Senhor Claus estava ali.

Ele estava sentado, dormindo, debruçado sobre a mesa, com uma garrafa de Whiskey vazia ao lado. A caneca estava virada e havia um pouco de bebida derramada sobre os papéis que ficavam sobre a mesa. O homem estava com a boca aberta. Devia estar em sono

profundo, ou até mesmo poderia estar bêbado.

A menina sabia que se a chave não estava na parede, devia estar no bolso do jardineiro. Ela foi ali para pegar a chave e é o que ela faria. Helena precisava falar com o menino para descobrir a verdade. O Senhor Claus estava vestindo o casaco. A garota colocou a mão no bolso esquerdo dele. Não havia nada. Quando ia tirando sua mão, bem devagar, o jardineiro se mexeu, mas não chegou a acordar e permaneceu imóvel novamente. Helena conseguiu tirar sua mão do bolso do casaco, mas ainda tinha que verificar o bolso do outro lado.

Mais uma vez ela se arriscou. Deu a volta na cadeira onde o jardineiro estava sentado e enfiou cuidadosamente a mão no bolso. Ouviu-se um “tlic”. A chave estava lá, mas agora o desafio era maior, pois o som da chave poderia acordar o homem. Helena agarrou todas as chaves com a mão na tentativa de melhor prendê-las para que fizessem menos barulho. Ela puxou devagar mas ainda sim se ouvia alguns “tlic” das chaves.

O Senhor Claus se mexeu de novo, soltou uma leve tosse seca e voltou a dormir. A menina decidiu puxar a mão rápido, de uma vez, para diminuir o tempo de risco. Funcionou, ela conseguiu tirar o molho de chaves do bolso do jardineiro sem acordá-lo. Ela saiu da casa de jardinagem e deixou a porta encostada, como a havia encontrado. Depois, caminhou pelo gramado, gelado e

já meio molhado pelo orvalho, até a porta do porão.

Havia muitas chaves, então Helena foi testando uma por uma até achar a que servia naquela porta. Depois de testar umas 12, ela achou a que pertencia àquela porta e, felizmente, ao ser aberta ela não fez um grande barulho como a porta da frente da casa fazia. Escada abaixo estava um breu completo, mas sabiamente a menina havia trazido uma lanterna consigo. Ela desceu degrau por degrau lentamente, com medo de tropeçar, até chegar na sala subterrânea.

Os animais estavam todos dormindo, para o alívio da menina que temia que eles fizessem muito barulho com a sua presença e chamassem atenção. Ela caminhou lentamente entre as jaulas segurando sua lanterna até chegar à porta do outro lado. Ela queria poder ver o menino, mas não havia nenhum buraco na porta por onde pudesse espiar. Ele provavelmente estava dormindo também. Helena deu três batidinhas de leve, com um dedo só, na porta. Não houve resposta, nem nenhuma movimentação do outro lado. Ela bateu de novo e sussurrou:

– Ei! Menino! Você está aí?

A menina ouviu um som de palha e tecido se movendo.

– Menino? Está aí? – tentou de novo falando um pouco mais alto.

Alguns animais começaram a acordar mas só ob-

servavam. Não fizeram nenhum estardalhaço. Helena bateu de novo na porta, então, reconheceu a voz do menino.

– Quem é você? O que está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Meu nome é Helena. Sou parente de Matilda. Estou morando por um tempo com ela.

– Monstros, crápulas, malditas sejam vocês! – vociferou o rapaz.

– O quê? O que você tem? Perdeu a razão? – perguntou a menina ofendida.

– Hipócrita! Vocês não são gente, são monstros.

– Escute aqui, menino. Eu não sei do que você está falando. Eu vim aqui justamente para saber por que você está aqui, e o que são esses animais.

O rapaz não falou nada por alguns instantes, como se estivesse pensando.

– Você realmente não sabe, não é? Por isso está aqui.

– Não sei, mas preciso saber. Você vai me contar? – insistiu Helena.

– Claro, mas com uma condição. Você precisa prometer que vai me ajudar a fugir daqui.

– Sem dúvida, é claro que eu vou – respondeu a menina resoluta.

– Prometa! – exigiu o rapaz.

– Eu prometo. Agora me conte, rápido, eles po-

dem acordar a qualquer momento.

– Por onde eu começo? A mulher, Matilda, ela é louca.

– Explique. – pediu a menina incrédula.

– Está vendo esses animais aí fora? Eles eram pessoas, como eu e você. É isso que ela faz. Ela nos captura e transforma em animais. Quando eu fui preso aqui, havia outro garoto numa dessas jaulas. Ela o levou daqui e depois de um tempo voltou com um cachorro.

– Como você tem certeza se não viu acontecer? O menino pode ter ido embora e ela trouxe um cachorro no lugar – tentou argumentar a menina, tentando na verdade convencer a si mesma.

– E por que ela aprisionaria crianças, em primeiro lugar? Para depois simplesmente soltá-las?

A história do rapaz parecia fazer sentido.

– Eu estava na cidade tentando vender na rua os doces que minha mãe faz. Eu nunca a tinha visto antes. Ela se aproximou de mim dizendo que queria comprar todos os doces, mas que não teria como carregá-los, então pediu para que eu os trouxesse até a sua casa. Eu aceitei. Quando cheguei aqui, ela me prendeu nessa sala.

Helena acreditava no menino. Que outro motivo ele teria para ter sido preso pela tia Matilda naquele lugar, escondido? Isso ainda explicaria o comportamento estranho do jardineiro e o que ele havia dito a ela mais

cedo.

– Eu vou te tirar daí. Eu peguei as chaves do Senhor Claus, uma delas deve servir nessa porta.

– Quem é Senhor Claus? Perguntou o menino.

– O jardineiro dela. O homem que vem alimentar os animais.

– Eu nunca o vi. Foi a mulher mesmo que me prendeu aqui.

A menina estava testando todas as chaves na porta na esperança de que alguma a pudesse abrir.

– Ele a ajuda, mas na última tarde ele me avisou para ir embora daqui – disse a menina testando mais uma chave.

– Não está aqui – disse a Helena após tentar a última chave – nenhuma delas funcionou.

– Ah, não! Onde será que essa chave pode estar então? – perguntou o garoto desesperado.

– Talvez esteja no laboratório dela. Tem várias coisas do trabalho dela lá. Talvez seja onde ela guarda a chave. Pode ser que ela não confie no Senhor Claus para manter as crianças trancadas.

– Você consegue ir lá ver?

Helena saiu correndo com a lanterna na mão. Ela já não se lembrava mais de não fazer barulho, ela só queria achar a chave para libertar o menino o mais rápido possível. Correndo pelo jardim seu pé se prendeu numa raiz que saía um pouco debaixo da terra, fazendo-a cair

e jogando longe sua lanterna, que se quebrou fazendo um som bem alto.

Ela se levantou e continuou sem a lanterna mesmo. A luz da lua ainda a permitia ver razoavelmente bem, até mesmo no interior da casa. A janela em forma de cúpula sobre a grande escada a iluminava enquanto Helena subia apressada.

O laboratório estava aberto. “Que sorte” pensou Helena, mas depois de procurar em todo canto ainda não conseguia achar a chave. Ela olhou em todas as prateleiras, atrás dos livros e de todos os potes de vidro com coisas estranhas. Em um pote havia um cérebro pequeno. Quando a tia Matilda havia lhe mostrado o lugar antes, ela achou curioso, mas julgou que seria algo normal devido a misteriosa profissão dela, entretanto, agora, Helena via o lugar com outros olhos, como se um véu tivesse sido retirado de seu rosto. Aquele cérebro deveria ser de alguma vítima da tia Matilda.

Sobre a mesa também não havia sinal da chave. Ela olhou cuidadosamente debaixo dos vários montes de papéis. Havia muitas folhas escritas a mão, notas e desenhos estranhos. Um deles mostrava um bode e uma criança. Nele estavam marcadas partes do corpo com anotações e números. A menina olhou do outro lado do papel. Uma criatura horrível estava desenhada. A criatura era uma criança da cintura para cima e um bode da cintura para baixo. Helena ficou chocada. A

mão que segurava o papel tremia, e a outra estava sobre a boca, como que para conter um grito. Seria aquilo o que a tia Matilda pretendia fazer com ela?

Helena se lembrou da agradável aula de costura e como sua tia era doce, como parecia ser a mulher perfeita, mas logo depois, se lembrou de que ela havia tirado a medida de sua cintura, sob o pretexto de fazer-lhe um vestido novo. E se não houvesse nenhum vestido novo?

Ela deixou o papel sobre a mesa e continuou procurando pela chave com mais determinação ainda, se não, desespero, até que ouviu o ranger das tábuas do assoalho no corredor. Seu corpo ficou paralisado. Ela queria correr, se esconder, fazer alguma coisa, mas é como se seu coração tivesse parado e seu corpo não respondesse mais.

– Então você descobriu.

Helena olhou para a porta e viu o Senhor Claus parado segurando sua espingarda. Ela não conseguia pronunciar nenhuma palavra.

– Eu te disse para ir embora, menina – disse o homem caminhando até ela.

– Ela quer fazer isso comigo? – perguntou a menina usando de toda a sua coragem e apontando para o desenho da criatura.

O Jardineiro parou e ergueu os ombros. Ele não saberia.

– Você deveria ter partido sem dizer nada. Agora você não me deixa escolher – disse o jardineiro se aproximando mais de Helena.

Ele enfiou a mão no bolso de seu casaco e tirou Bartolomeu, que ainda vestia o casquinho amarelo.

– O que você vai fazer? – perguntou a menina confusa.

– Ela guarda a chave do quarto onde está o menino nessa gaveta – respondeu o homem com o rato em sua mão, estendendo-a para que o animal pudesse entrar por uma fresta no topo da gaveta – mas ela a deixa trancada. Sorte sua que o Bartolomeu consegue se esgueirar por quase qualquer canto.

O rato entrou na gaveta e poucos segundos depois saiu trazendo uma chave na boca. O homem pegou a chave e a entregou para Helena. Ela olhou para a chave em sua mão e para o Senhor Claus, parada, sem entender.

– O senhor está me ajudando? Por quê?

– Quando eu subi havia luz no quarto da senhora Staucher, ela não vai demorar para aparecer. Vá logo que eu vou tentar atrásá-la. Leve ele com você – disse o jardineiro colocando Bartolomeu no ombro da menina.

– Por que está o deixando comigo?

O homem não respondeu, simplesmente deu as costas para a menina e saiu do laboratório com a espingarda no ombro.



Capítulo VI

Helena não tinha tempo para ficar pensando, o jardineiro a avisara que a tia Matilda apareceria a qualquer momento. Ela desceu correndo, agora mais rápido do que nunca, de volta para o porão, possuindo a chave em suas mãos e o rato em seu ombro.

Na grande sala subterrânea agora havia uma tocha acesa. “O Senhor Claus deve ter deixado de propósito” pensou a menina.

– Você conseguiu achar? – perguntou o menino do outro lado da porta.

A menina colocou a chave na porta e girou. “TAC”. A porta se abriu. Lá estava o menino sentado no chão, magro e sujo com os olhos grandes se segurando para não chorar de felicidade.

– Você conseguiu! Obrigado! – disse o pobre menino se levantando do chão.

– Ela vai aparecer a qualquer momento. Vamos! Temos que sair daqui – disse Helena puxando o garoto pelo braço.

Eles subiram as escadas e correram pelo jardim em direção à densa floresta. Eles iam conseguir. Finalmente um sopro de alívio começava a soprar, mas a menina parou abruptamente no meio do caminho.

– O que aconteceu? – perguntou o garoto.

– Ele sumiu! O Bartolomeu não está aqui! – respondeu Helena apalpando seu vestido para ter certeza de que o rato não havia se escondido dentro dele.

– Quem é Bartolomeu?

– O rato que estava no meu ombro.

– Não tinha nenhum rato no seu ombro.

– Não acredito! Ele deve ter ficado dentro da casa – gritou Helena correndo de volta para a porta da cozinha.

O menino ficou parado no meio do gramado vendo a menina voltar para o covil do dragão.

– Boa sorte – disse ele se virando e continuando a correr na direção da floresta.

Enquanto isso, Helena estava procurando Bartolomeu pela casa. Seria um pouco mais fácil avistar o pequeno rato graças ao seu casaquinho amarelo que se destacava sobre as cores escuras do lugar.

Ele não estava no andar de baixo. Ela havia procurado no saguão, na cozinha, nos corredores e em todos os quartos que não estivessem trancados. A menina subiu ao segundo andar. Ela estava com medo. Em seu estômago sentia que havia pedras de gelo. Mas sua determinação de encontrar o pequeno animal que havia sido deixado sob seus cuidados era maior. O corredor estava escuro. Não havia muitas janelas por perto para que a lua o pudesse iluminar bem. Helena caminhou por ele devagar e a cada passo sentia algo tocando em

seus tornozelos. Com a pouca luz do lugar parecia que não havia nada perto dela, mas voltando para a parte mais iluminada na escada viu que se tratava de teias de aranha.

A casa costumava ter uma limpeza impecável. Ela nunca havia visto uma teia de aranha sequer ali, muito menos no meio do corredor. Algo não estava certo. A menina desistiu daquele corredor e decidiu continuar a procura no terceiro andar, onde se encontrava o quarto da tia Matilda e o laboratório.

Já pelo final da escada se podia ver mais teias de aranha brilhando sob a luz da lua. Seria algo bonito se naquelas circunstâncias não fosse assustador. Aterrorizada pela visão sombria do que poderia ter feito tantas teias e pelo perigo iminente de que tia Matilda aparecesse a qualquer momento, Helena desistiu de sua missão. O próprio rato, se estivesse lá em cima, deveria já estar condenado.

Foi nesse momento que o improvável aconteceu. Sua linha de raciocínio foi quebrada pelo pequeno rato vindo do terceiro andar pela escada em sua direção. A menina se abaixou para pegá-lo mas ele não permitiu. Ele parou a alguns metros de distância, depois, se virou e começou a andar voltando por onde havia vindo. Helena entendeu que ele queria que ela o seguisse.

Ela subiu ao terceiro andar seguindo o rato de casaco amarelo, passando por um longo corredor escuro,

onde ficava cada vez mais difícil de ver. O rato estava indo até o laboratório da tia Matilda.

O animalzinho entrou no laboratório e Helena foi logo atrás dele, lentamente. Naquele lugar não havia teias de aranha pelo chão, somente sobre a maca de metal onde estava deitado o corpo do Senhor Claus. Ele parecia estar dormindo.

A menina ficou instantaneamente pálida. Bartolomeu foi até a maca e subiu sobre o corpo do homem, demonstrando que queria que ela fosse até lá. Ela se aproximou dele com pequenos passos lentos. O homem que uma vez foi jardineiro de sua tia, agora, estava pálido e sem vida, coberto por teias.

Helena colocou a cabeça sobre seu peito para tentar ouvir os batimentos de seu coração, mas só havia silêncio.

– Ele se foi, Bartolomeu – disse a menina ao rato, como se ele pudesse entender.

O pequeno animal continuava olhando profundamente para ela com seus dois pequenos olhos negros, como que estivesse pedindo que ela fizesse alguma coisa. Helena lembrou-se da cruz que havia recebido de seu pai, que ela mantinha sempre amarrada ao pescoço. Ela tirou a cruz e a depositou sobre o corpo do homem, e uma lágrima caiu sobre ele.

A menina não se permitiu chorar. O Senhor Claus se sacrificou para deixá-la em segurança, mas ela ainda

estava em perigo. Ela tinha que sair dali primeiro, então pegou o rato firmemente em suas mãos e correu o mais rápido que pôde.

Ela passava chutando as teias em seu caminho que começavam a atrapalhá-la para andar. As escadas nunca pareceram tão longas. Parecia que ela estava descendo os degraus há uma eternidade, mas o fim nunca chegava. Quando desceu o último degrau, um sentimento de vitória já brotava. Ela estava a apenas alguns metros de distância da liberdade.

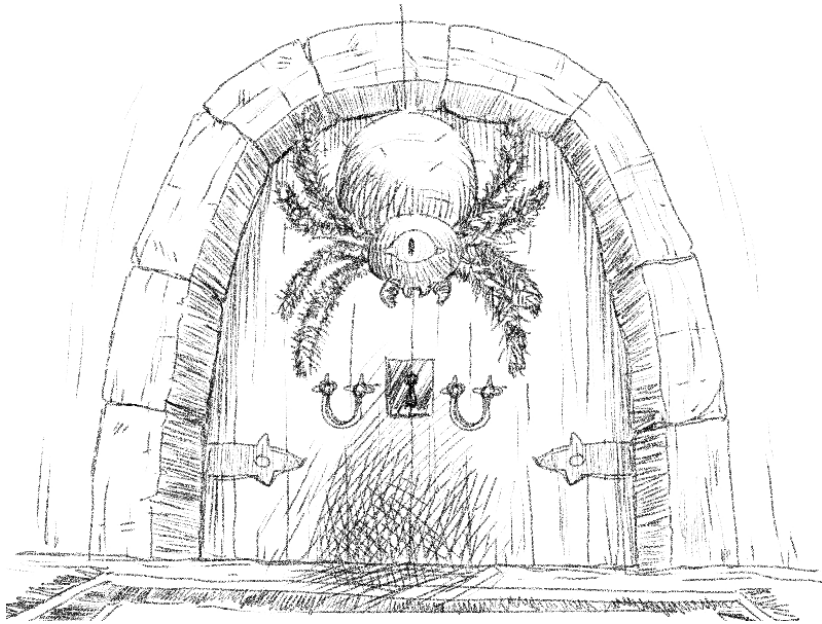
Helena se aproximava rapidamente da grande porta, quando uma criatura enorme desceu sobre a saída. Era uma aranha do tamanho de um cavalo, preta como uma noite sem lua, com suas grandes patas cobertas de pelos compridos, porém rígidos, que mais pareciam agulhas. Ela tinha um só olho azul na frente da cabeça sobre suas duas presas afiadas. A menina congelou por um instante. Suas pernas estavam pesadas.

– Não tenha medo, Helena, sou eu – disse a aranha.

A voz era idêntica à de tia Matilda. Ela era a aranha. Helena teria dificuldade de acreditar se não fosse pelas coisas que já havia visto naquele dia.

– Está tudo bem, querida. Eu não vou fazer mal a você. Eu posso explicar tudo.

A menina baixou a guarda por um momento. Será que era verdade? Teria ela entendido tudo errado? Mas



ela reparou bem na criatura que falava para ela. Ela tinha uma doce voz, mas agora sua aparência horrenda não a permitia enganar. Helena correu para a cozinha. Ela poderia escapar pela porta que dava para o jardim dos fundos, mas a porta estava coberta por grossas teias que não a permitiam que fosse aberta.

A aranha vinha sem pressa atrás da menina. Helena puxava a maçaneta com toda sua força, mas a porta não se movia.

– Quando você chegou, não pensei que fosse obstinada desse jeito – disse a aranha entrando na cozinha.

– Por que você não me prendeu desde o começo se só queria me usar para seus experimentos? Perguntou

a menina começando a chorar desolada, sem ver uma saída.

– Eu fiquei curiosa. Queria saber como era cuidar de uma filha – respondeu, se aproximando lentamente de Helena – Queria saber se eu era capaz de me importar com você mais do que com meus próprios objetivos, do que comigo mesma. Afinal, pais parecem se sacrificar pelos filhos com tanta naturalidade, não é? Até o velho Claus começou a se importar com você – Ao ser pronunciado o nome do jardineiro, Bartolomeu, que estava no bolso de Helena, colocou a cabeça para fora franzindo o nariz e emitindo sons raivosos – Mas eu não, eu não consigo. Eu prefiro realizar os meus desejos, para o seu azar.

A aranha já estava a poucos centímetros da menina, com suas patas peludas quase sobre ela, quando o rato saltou de seu bolso direto no único olho da aranha. O pequeno animal agarrou firme na cabeça da criatura e mordida seu olho com seus pequenos dentinhos enquanto ela se debatia com dor tentando se livrar dele.

Quando pulou, o rato fez com que caísse no chão o canivete que estava no mesmo bolso. A menina viu o presente que havia sido dado pelo Senhor Claus como sua última chance. Ela o pegou do chão e puxou um dos acessórios dele, uma faca.

A aranha conseguiu fazer com que Bartolomeu soltasse seu olho, mas ele agarrou uma de suas pernas.

O olho da criatura sangrava uma gosma verde. Ela não podia ver direito. Helena não hesitou e se jogou sobre a aranha com o canivete na mão, afundado sua lâmina no olho da criatura. O enorme aracnídeo soltou um som estridente agonizante, se debateu por alguns segundos e caiu imóvel. Ela estava morta.

Capítulo VII

Duas semanas depois, Helena estava bem e com seu pai, não no sítio dele, mas em uma fazenda onde ele conseguiu um emprego. Após buscar a menina em Teranulius, o Senhor Hilmes abandonou seu trabalho nas minas e vendeu suas terras, o que permitiu a ele e à Helena que sobrevivessem por algum tempo, até ele encontrar o emprego na outra fazenda.

Helena nunca mais soube do menino que havia libertado, nem obteve uma explicação para o que fazia tia Matilda. Até seu pai não conseguia acreditar em tudo que havia acontecido. Misteriosamente o cadáver da aranha, do Senhor Claus, as jaulas dos animais e tudo no laboratório de tia Matilda havia sumido quando os policiais chegaram no lugar. Apesar do que contou a menina, todos acreditavam que ela havia simplesmente sido abandonada por Matilda, que foi embora para nunca mais ser vista.

A única prova que Helena tinha de sua história era um rato de casaquinho amarelo.